

POR GIOVANNA KUNZ E JÚLIA SIRQUEIRA*

Em um país construído sobre a exploração de corpos negros, a força atribuída às mulheres negras nunca foi elogio, foi exigência. Desde o Brasil escravocrata até os ambientes acadêmicos, corporativos e afetivos da atualidade, ser uma “mulher negra forte” ainda é lido como vocação, não como violência. A sociedade espera que essas mulheres estejam sempre prontas para trabalhar mais, para suportar mais, para cuidar de todos, para não chorar, não reclamar, não adoecer, não pedir ajuda. É como se a fragilidade fosse um privilégio reservado a outras.

Ao longo desta reportagem, histórias cruzadas mostram como esse mito funciona como engrenagem que molda vidas, silencia dores e limita possibilidades. Das ruas do Eixão do Lazer aos corredores de universidades, passando por consultorias de diversidade e pela história do cinema brasileiro, as narrativas revelam que a força ainda é um destino imposto, mas também um campo de resignificação.

Sandra Marly Silva Godois, 51 anos, trabalha na limpeza em um órgão público e também mantém uma barraca de drinques no Samba da Tia Zélia e no Eixão do Lazer durante o fim de semana. Em diversas ocasiões, já sentiu que nunca podia desmoronar, mas um dia, ao machucar a mão, ouviu uma frase que nunca esqueceu: “Ouvi o absurdo: ‘Para de ser fresca, você é mulher preta’.”

A fala, dita de forma natural e quase como um “atestado biológico”, esconde séculos de racismo. Sandra lembra que isso não foi um caso isolado. Em outras situações, em relacionamentos e no convívio com amigos, ela nunca pode ser vista em uma posição de “coitadinha”. No entanto, as consequências de ser vista como se fosse de ferro, gerou muitos danos. “Já estragou uma vida a dois. Hoje não quero repetir atitudes que demonstrem que nunca posso cair.”

A trajetória dela ecoa um mecanismo que especialistas chamam de hipervirilização da mulher negra: quando a sociedade a lê mais como força de trabalho do que como sujeito emocional. Mesmo assim, Sandra tenta transformar a dureza em potência. “Costumo usar o sorriso como uma liberdade, conquista e satisfação. Mostrar que sou capaz e posso chegar longe, apesar de a sociedade hipócrita tentar sempre devastar.”

Ela entende, contudo, que esse sorriso também é armadura. “Hoje estou numa função que não é o que quero para sempre. Muitas vezes, incomodo quando me expesso de forma adequada. Tem gente que acha que sou ‘topetuda’ ao tratar do que é justo. Essa ‘topetude’ nada mais é do que autodefesa e, ao mesmo tempo, o que muitas vezes é interpretado como agressividade.

A FORÇA COMO ESTEREÓTIPO



Minervino Júnior/CB/D.A.Press

**Historicamente
mulheres
negras se veem
obrigadas a
serem fortes
e nunca
demonstrarem
fraquezas em
casa, no trabalho
e até mesmo em
relacionamentos**

Construção histórica desse imaginário

Para compreender por que Sandra vive isso, é preciso voltar ao período colonial. “Veem a gente, mulheres negras, e já trazem isso lá do tempo em que fomos escravizadas. Olham para os nossos antepassados e acham que a gente tem que ser sempre forte, que tem que aguentar tudo: o chicote, a dor, engolir calada. E nos veem como se não tivéssemos o mesmo espaço que as mulheres brancas. Acham que a gente não tem o direito de ser mimada, no sentido de querer o melhor, de poder ser frágil, de sentir, de chorar, e de ter alguém que seja um bom cavalheiro, que nos ofereça flores, abra a porta do carro, ande de mãos dadas”, desabafa Sandra. “Muitas vezes, até o homem da nossa própria etnia trata a gente como se precisássemos ser fortaleza o tempo inteiro.”

A psicóloga e psicanalista Ana Luísa Coelho reafirma que o estereótipo nasce do período escravocrata, quando mulheres negras foram usadas como força de trabalho, como amas de leite, como reprodutoras e alvo de violência sexual. Seus corpos eram vistos como resistentes, sem direito à fragilidade.

Essa visão atravessou o tempo. Passou pela figura da mucama subserviente, da mulata hipersexualizada e da “mãe preta” abnegada, estereótipos analisados pela antropóloga e escritora Lélia Gonzalez e que moldaram a forma como a sociedade enxerga as mulheres negras. Ana Luísa observa, na prática clínica, que essas